

**FUNDAÇÃO INTERNATIONAL NEGOTIA**

**EDITORA**

**DEPARTAMENTO DE COMITÊS HISTÓRICOS E GABINETES**

**GABRIEL RIBEIRO COUTINHO MOREIRA**

**GABINETE DE GUERRA: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

**O TEATRO DE OPERAÇÕES ORIENTAL APÓS O FIM DA OPERAÇÃO TUFÃO.**

**MODELO INTERNACIONAL DO BRASIL**

**BRASÍLIA - DF**

**2021**

**GABRIEL RIBEIRO COUTINHO MOREIRA**

**GABINETE DE GUERRA: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL  
O TEATRO DE OPERAÇÕES ORIENTAL APÓS O FIM DA OPERAÇÃO TUFÃO.**

**BRASÍLIA – DF**

**2021**

*A Alexandre da Costa Moreira, cujo fascínio por história militar  
guiou desde cedo um filho empolgado a escolher o curso da vida.*

## CARTA DO SECRETARIADO

Queridas (os) comandantes, o Gabinete de Guerra mais requisitado desde a criação deste tipo de modelo dentro da Fundação Internationali Negotia finalmente chegou a vocês. Muitas (e posso assegurar) foram as dificuldades superadas envolvendo a idealização deste comitê. Todo nosso ideal de simulação foi posto à prova nos últimos 3 anos para pensarmos em como iríamos atender a uma requisição tão presente e significativa de nosso público querido sem violarmos os princípios básicos do nosso processo pedagógico e do nosso ideal de simulação. Felizmente, ainda mais face ao contexto em que vivemos, acredito que finalmente atingimos o alvo!

Em tempos de antagonismo e fervor político-partidário, desconfiança no funcionamento das instituições liberais, discursos nacionalistas usados à esquerda e à direita e uma pandemia sem controle aparente, o aniversário dos 75 anos do fim da II Guerra Mundial passou batido em sua multiplicidade de significados. Não somente os antecedentes do conflito que marcou a sociedade internacional durante quase um século eram semelhantes aos que vivemos na atualidade, como perdemos a oportunidade de refletir sobre a dimensão do que tal conflito até hoje nos marca e divide.

Não houve na história da humanidade um evento de tamanha repercussão, investimento, cifras de destruição e morticínio do que a II Guerra Mundial. Ela foi marcada pela supremacia do elemento ideológico extremista como luz de campanhas de extermínio mútuo pensadas e dirigidas pelos Estados envolvidos. O Holocausto e a movimentação política e ideológica da guerra predominaram no imaginário dos estudos do conflito em detrimento da análise das campanhas militares e daqueles que de fato travaram a luta na linha de frente. Isso também, nas circunstâncias da nossa atividade, marca um desafio que se buscou aqui ser superado de modo que o escrito não se perdesse ou se aprofundasse em dimensões ideológicas: todos os participantes serão comandantes soviéticos na principal frente de batalha de toda a guerra. Aliás, serão aqueles que **no dia 5 de dezembro de 1941** (data do comitê) iniciaram a contra-ofensiva que iniciaria a árdua expulsão do inimigo nazista de território soviético.

Esse trabalho, longe de ignorar o elemento ideológico e partidário em sua influência sobre a condução dos assuntos militares, pretende ir além dessa discussão e se ater às estratégias e operações traçadas por aqueles que se tornaram personagens fantoches na história da guerra, mas que travaram combate contra o inimigo. Espero que a experiência de

assumir uma posição de responsabilidades tão ingratas faça com que entendam a realidade particular de generais em guerra. O mundo olha para vocês agora!

*“Esta guerra contra a URSS é uma ideia absurda que certamente trará um resultado  
desastroso”*

*Marechal de Campo Gerhardt von Rundstedt, 1941*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal a construção do Teatro de Operações militares na URSS após o fim da Operação Tufão, no final de outubro de 1941. O recorte temporal foi estabelecido entre 1919 a 1941 de modo a remontar as questões nacionais e internacionais que formaram o contexto da Segunda Guerra Mundial e que fundamentaram o imaginário das lideranças militares do III Reich, bem como de descrever o panorama do conflito até o momento analisado. O trabalho propõe apresentar a invasão da URSS como algo inerente à doutrina expansionista nazista e à não-concretude do objetivo principal da Operação Tufão como uma falha na percepção estratégica dos comandantes alemães e de Hitler. Pretende-se mostrar porque as condições físicas e meteorológicas do outono soviético somadas à tenaz resistência dos defensores do Exército Vermelho foram fatores que não influenciaram a mudança estratégica na condução da ofensiva, uma vez que o *Ostheer* (em alemão, Exército do Leste) lograra sucessos operacionais iniciais que configuraram entre as maiores conquistas militares nazistas à época.

**Palavras-chave:** Teatro de Operações, Operação Tufão, doutrina expansionista nazista, falha na percepção estratégica, Ostheer

## ABSTRACT

This paper's main objective is to build the military Operation Room in USSR after Typhoon Operation's end, in the end of 1941. The time frame was established between 1919 and 1941, in order to rebuild national and international issues that were a part of the context involving World War II and that were the base for Third Reich military conscience, as well as describing an overview of the conflict until the moment analysed. The paper intends to present the USSR invasion as something inherent to the expansionist nazi doctrine and the non-realization of Typhoon Operation's main goal as a flaw in the German commanders and Hitler's strategic perception. We also aim at showing why Soviet Autumn's physical and meteorological conditions, added to Red Army's relentless resistance, were not factors that influenced any change in strategic conduction of the offensive, once the *Ostheer* (East Army, in Russian) resulted in initial operations succeeding, which were among the biggest nazi military conquests at the time.

**Key-words:** Operation Room, Typhoon Operation, nazi expansionist doctrine, strategic perception's flaw, Ostheer



## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>9</b>
<b>REFLEXÕES TEÓRICAS E ABORDAGENS CONCEITUAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>CONTEXTO HISTÓRICO DA II GUERRA MUNDIAL.....</b>	<b>13</b>
<b>1.O pós-primeira Guerra Mundial e a ascensão dos autoritarismos.....</b>	<b>13</b>
<b>2.O judaico-bolchevismo e a conquista do Lebensraum.....</b>	<b>15</b>
<b>3.O Tratado de Versalhes, a Liga das Nações e o crescer da guerra: o sistema internacional pré-Guerra.....</b>	<b>1</b>
<b>O TEATRO DE OPERAÇÕES SOVIÉTICO EM FINS DE 1941.....</b>	<b>19</b>
<b>1.A doutrina militar e o pensamento político-militar alemão: a formação da <i>Blitzkrieg</i>.....</b>	<b>19</b>
<b>2.A Guerra na Europa e a preparação para invasão da URSS.....</b>	<b>22</b>
<b>3.De Barbarossa à Tufão: o Teatro de Operações soviético em dezembro de 1941.....</b>	<b>25</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>31</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXO I - REPRESENTAÇÕES MILITARES.....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende apresentar o Teatro de Operações militares na URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) após o fim da Operação Tufão desencadeada pelos exércitos da então Alemanha nazista. O objetivo principal deste escrito é mostrar que os elementos climáticos e a resistência das forças soviéticas ao avanço dos exércitos alemães não foram os maiores responsáveis pela estagnação do avanço das forças do *III Reich*, mas sim a falha na percepção estratégica dos comandantes do OKW e de Hitler da dimensão real exercida pelas vitórias operacionais obtidas durante a invasão. Ademais, pretende-se apontar o desencadear da guerra como uma consequência do rompimento do sistema internacional construído após a Paz de Versalhes (1919) conduzida por um pensamento político-militar essencialmente expansionista e ideológico.

A primeira parte do escrito deter-se-á na explanação de aspectos teóricos e de abordagens conceituais nas quais se baseiam os argumentos e objetivos trabalhados na pesquisa. Esta etapa será voltada para reflexões sobre período histórico e escrita da história, bem como sobre conceitos tais como sistema internacional, crise, guerra, pensamento político-militar, planejamento estratégico e operações militares. Tem-se como objetivo delinear como tais ideias se encadeiam antes de se passar à análise histórica dos fatos.

A segunda etapa do trabalho diz respeito à construção do panorama político e militar da Europa durante o período entreguerras, guardando especial observância ao sistema internacional erigido com a Liga das Nações, à ascensão dos movimentos autoritários antiliberais e à política armamentista alemã. Pretende-se remontar a influência que o cenário geopolítico exerceu sobre o planejamento estratégico e os preparativos dos Estados (sobretudo alemão) na eventualidade de um conflito. Tem-se o intuito neste momento de

abordar as rivalidades internacionais, as políticas imperialistas e os nacionalismos como aspectos cruciais do entendimento sobre o contexto do principal conflito do século XX.

Por fim, o último bloco do escrito busca traçar o panorama da guerra entre 1939 e 1941, de modo a estabelecer o quadro de conquistas militares que o Eixo teve até o final da Operação Tufão e de que forma isso contextualizou e deu respaldo para o desencadear de novas ofensivas alemãs em um cenário maior da guerra. Ademais, busca-se elencar e descrever os elementos constituintes do pensamento político-militar das lideranças políticas da Alemanha e do Oberkommando der Wehrmacht (em português, Alto Comando do Exército alemão-OKW) a partir do qual foram fundamentados e conduzidos os planos de invasão da URSS.

Ainda dentro do último segmento, pretende-se descrever o passo a passo das Operações Barbarossa e Tufão de modo a clarificar a evolução dos embates e traçar a cronologia do avanço militar nazista até sua estagnação nas cercanias de Moscou. Só assim será possível apresentar tal resultado como falha da percepção estratégica por parte dos comandantes militares alemães do Grupo de Exército Centro da dimensão que suas vitórias operacionais estavam tendo na factual derrota do inimigo soviético.

## **REFLEXÕES TEÓRICAS E ABORDAGENS CONCEITUAIS**

Nenhuma análise histórica pode ser iniciada sem uma breve reflexão sobre um ponto vital para a escrita da história: o período histórico. Cabe ressaltar que a História não é uma mera “ciência sobre o passado” e que o ofício histórico não é estático, resumido pelo mero e pontual estudo de acontecimentos delineados cronologicamente (BLOCH, 2001). Cada assunto abordado, cada fonte reunida e estudada e cada recorte temporal estabelecido subentende um conjunto de razões e ações inseparáveis do historiador e do tempo histórico em que está inserido. Em suma, são as motivações do presente que o instigam a pensar a História.

O agente histórico, neste sentido, ao mesmo tempo em que faz a História, a todo o momento, direta e indiretamente, é influenciado por ela. São as questões e os embates de seu tempo que destinam sentido a sua imersão no estudo sobre o passado (KOSELLECK, 2015). Observa-se essa influência na própria delimitação temporal e temática que o historiador deve instituir para construção de sua pesquisa. Base do fazer historiográfico, esse recorte tem o mesmo significado que período histórico (LE GOFF, 2014).

Essas considerações dão fôlego para um constante revisionismo sobre antigas

concepções e crenças sobre um mesmo objeto que ajudam os leitores dos dias atuais a se sintonizarem com a realidade dos fatos históricos do passado ao mesmo tempo que ampliam sua percepção sobre fatores que não esperavam. Isso não impede, no entanto, que consensos históricos sejam firmados ao longo dos tempos acerca de determinados assuntos ou aspectos específicos. Assim, é possível afirmar com segurança que a Primeira Guerra Mundial, vista posteriormente, marcou o fim de um século representado pela hegemonia europeia em decorrência de um momento de ruptura dentro do funcionamento do sistema internacional na Europa.

Para melhor entendimento deste ponto e de outros que têm pertinência com esta pesquisa, cabe estabelecer aqui as definições sobre conceitos fundamentais para entendimento dos objetivos que se pretende atingir com este trabalho. Entende-se como sistema internacional a estrutura ligada pelas relações políticas, militares, econômicas e socioculturais estabelecidas entre uma determinada comunidade de países (WIGHT, 1985). Ela possui dinâmicas e características próprias, além de deter padrões que são de algum modo comumente aceitas pelos seus membros. Quando um sistema internacional não externaliza a vontade de um de seus membros, os ritos de seu funcionamento não acompanham mais as vontades nacionais ou é ameaçado por algum agente externo à comunidade, cria-se uma demanda por transformação ou fragmentação (WIGHT, 1985).

Os casos de fragmentação são entendidos aqui como situações de crise. As crises são episódios de ruptura que justificam a emergência ou modificação de organizações (os sistemas internacionais, por exemplo) que traduzem as demandas e tendências de opinião de agentes que sejam capazes de gerar políticas (BERSTEIN, 2003). Tais políticas são concebidas como atividades que se relacionam com a escolha e a conquista de objetivos, bem como pelos meios utilizados para se chegar ao poder (RÉMOND, 2003). Portanto, se a crise de um sistema internacional demanda novas medidas de seus membros para lidar com o momento de tensão, a guerra é uma das políticas decorrentes de casos de ruptura. Nesse caso, a política fiscalizadora malfadada da Liga das Nações e o ímpeto expansionista italiano e alemão levaram a uma crise sistêmica cujo desfecho foi a guerra.

Ao longo da história, várias foram as tentativas teóricas de se definir e entender suas características constituintes. Desde as Guerras napoleônicas até a Primeira Guerra Mundial, entendia-se que a guerra era a continuação da política por outros meios (CLAUSEWITZ, 2017). Ela poderia ser entendida como um fenômeno à parte da realidade das sociedades civis, restrita ao mundo político-militar e sendo unicamente um desdobramento; uma consequência de uma disputa entre rivais cujas vias pacíficas foram incapazes de solucionar

um impasse político (CLAUSEWITZ, 2017). Importante ressaltar o fato de que este tipo de guerra na visão dos comandantes militares da época era idealizado de maneira a atingir objetivos específicos, ou forçar a rendição de seu oponente e a sujeição aos seus termos por meio do desgaste de seus inimigos. Essas interpretações sobre a natureza da guerra são orientadas pelo *pensamento político-militar* (BUCHRUCKER, 1991) de época, sendo a lógica a partir da qual os Estados se preparam estrategicamente para casos de conflito<sup>1</sup>.

No entanto, foi após a Primeira Guerra Mundial que se pôde identificar uma transformação no pensamento político-militar vigente entre as múltiplas lideranças estatais, sobretudo as que foram diretamente envolvidas no conflito. A guerra das trincheiras e as escalas jamais vistas de mortandade, investimento industrial e desenvolvimento tecnológico provaram que a doutrina militar que imperava de certo modo desde fins do período napoleônico não era suficiente para responder às demandas de uma guerra de tamanha mobilização infraestrutural. As guerras travadas somente entre combatentes em que exércitos regulares<sup>2</sup> eram mobilizados para enfrentar outros exércitos regulares, cujos seus comandantes, imbuídos de um ideal cavaleiresco de conduta militar, possuíam objetivos estritamente voltados para inutilização da força adversária e da capacidade de se manter no conflito do país inimigo, chegaram ao fim.

A “Guerra para acabar com todas as guerras” inaugurou uma nova categoria de conflito em que a capacidade de mobilização de novos efetivos, de reposição de armamento e equipamento militar além de total envolvimento do Estado com os assuntos do conflito era condição básica para se travar o conflito. A “guerra total”, como vinha sendo teorizada desde fins do século XIX, subentendia a exploração máxima de todos os tipos de recursos disponíveis em nome da “necessidade nacional”. (DOCTRINA DE DEFESA, 2008) A Segunda Guerra Mundial passaria a ser sua representação máxima e a ampliaria ao trazer o elemento ideológico como externalização de seu radicalismo, como se verá na etapa seguinte do escrito.

Independentemente das múltiplas visões sobre guerra que viriam a ser teorizadas após a Segunda Guerra Mundial, é possível identificar consensos sobre aspectos fundamentais

---

<sup>1</sup> O pensamento político-militar é pautado nas análises de diplomatas, políticos, militares e membros da sociedade civil (empresários, sobretudo) de relevância na organização do potencial bélico de cada país. Trata-se da formação de uma mentalidade voltada para assuntos de defesa nacional a partir da qual se estabelecem os planejamentos estratégicos contra inimigos em potencial, preparando o país para um eventual conflito. Contudo, isso não quer dizer que tal plasma de fundamento teórico não gerasse planejamentos contrastantes (e mesmo rivais) ou que não pudesse ser revisto conforme as necessidades militares arrogam.

<sup>2</sup> Entende-se por “exército regular” na tradição militar Ocidental os efetivos costumeiramente mantidos e financiados pelo Estado empregados em operações de segurança e conflito sempre que requisitados. São divididas nas atuais Forças Armadas e submetidas diretamente ao Chefe de Estado.

deste tipo de embate. Primeiramente, mesmo a guerra total é um tipo de instrumento político de agentes que disputam pelo poder e querem seus adversários ao julgo e o fazer político do próprio agente. Em segundo, trata-se de uma estratégia política que compartilha com seus tipos anteriores desde o século XIX, uma categorização em três níveis de planejamento que se auto-influenciam:

- . o estratégico: planos traçados pelo Alto-comando militar em consonância com os objetivos do Estado a serem atingidos na guerra. Trata-se das linhas gerais *do que se fazer* para se vencer uma guerra ou se atingir um objetivo geral para o conflito;

- . o operacional: projetos específicos traçados a partir do planejamento estratégico. Idealizado como a efetivação da estratégia para se conquistar metas e objetivos específicos (por exemplo: uma Operação determinada para se conquistar a capital de um país como estratégia de controle sobre toda nação);

- . o tático: os meios pelos quais se atinge um objetivo. Este segmento diz respeito *aos mecanismos e meios utilizados* pelos combatentes e oficiais menores para a realização dos objetivos operacionais (exemplo: para se manter distante o ataque de uma coluna inimiga, a tática dos defensores foi bombardeá-la por fogo de artilharia). Tais reflexões serão fundamentais para o entendimento amplo dos fatos históricos que contextualizam e montaram o Teatro de Operações que aqui se pretende apresentar.

Para o caso da invasão da União Soviética, ainda, adota-se para o entendimento das adversidades enfrentadas pelas operações alemãs o conceito de “interior”. Trata-se da soma dos elementos das forças armadas *strictu senso* com a influência de elementos geográficos, meteorológicos e populacionais que não podem ser bem medidos em sua influência sobre o avanço do inimigo ou próprio. (CLAUSEWITZ, 2017) As condições que enfrentaram os alemães durante seu avanço sobre Moscou vão evidenciar de que modo o “interior” afetou as operações militares.

## **CONTEXTO HISTÓRICO DA II GUERRA MUNDIAL**

### **1. O pós-primeira Guerra Mundial e a ascensão dos autoritarismos**

O fim da Primeira Guerra Mundial não somente atestou o encerramento da hegemonia dos Estados-nações da Europa formados no século XIX, como também expôs todas as fragilidades e ameaças de um modelo político e social: o liberalismo político e econômico. Foram as oligarquias políticas tidas como esclarecidas que defenderam a democracia

pluralista e a defesa de um Estado que protegesse os interesses do empresariado nacional. E, ao menos ao que pareceu na época, foram justamente esses políticos de bases oitocentistas que lançaram o mundo displicentemente no maior conflito industrial da história.

Além da desconfiança popular quanto à democracia representativa, o imaginário de época (com destaque à Europa) entendia a livre concorrência e as guerras comerciais entre empresários de maneira cada vez mais hostil. Essa realidade piorou quando houve o *crash* da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, inflacionando a economia estadunidense e corroendo o poder de compra das moedas europeias que haviam se recuperado a partir do aquecimento da economia dos EUA e agora estavam em recessão econômica.

Em meio ao contexto de desconfiança e fragilidade do modelo democrático-liberal, novos modelos de organização social e econômica surgiam e eram defendidos por segmentos ativistas e intelectuais. Dentre estes, destacam-se os corporativistas, que à esquerda ou à direita do aspecto político, entendiam a sociedade humana como um grande corpo em que os agentes sociais (individuais e coletivos) faziam parte de maneira equânime, cabendo ao Estado (“a cabeça”) a condução corpórea a fim de conquistar os objetivos que julgue mais condizentes para o meio social. De cunho altamente antiliberal e estatizante, essas correntes basearam os principais modelos sociais idealizados entre 1920 e 1930.

Dentre estas, à esquerda do aspecto político, o Comunismo Soviético (ou marxismo-leninista) idealizava a formação de uma superestrutura estatal detentora dos meios governamentais e de produção capazes de coordenar as atividades rumo à Revolução Comunista Mundial. Capitaneada pelos dirigentes do Partido Comunista Soviético e os estadistas da URSS, pensava-se um modelo de formação via luta armada revolucionária apoiada pelo país de vários Estados socialistas soviéticos.

Em oposição ao estatismo do marxismo-leninista, outras duas correntes de pensamentos revolucionários também almejavam o fim do modelo liberal e a formação de uma sociedade sem classes. Os trotskistas – seguindo os ideais de um líder soviético dissidente - pregavam uma Revolução Permanente de modo a não ser retardada ou corrompida pelo aparelhamento de uma burocracia estatal, instigando ao invés da simples luta armada de grupos revolucionários a adoção de políticas que fizessem a Revolução dentro da própria estrutura que visavam derrubar.

Por fim, exercendo grande influência nos países latinos (sobretudo na Espanha) estava o anarquismo. Os grupos anarquistas repudiavam a adoção de qualquer medida que alinhasse os “verdadeiros revolucionários” ao Estado ou aos asseclas da ordem vigente e criasse outra

estrutura a ser derrubada. Os ativistas pregavam uma ruptura revolucionária imediata a partir da organização de sindicatos e da formação de cooperativas independentes.

O choque aberto destes grupos (quase sempre ilegais) e o confronto com a ordem vigente em frangalhos, embora ainda existente, não instigou a sociedade civil a se tornar em massa adepta destes ideais. Tidos como desordeiros e hostis (à exceção dos grupos reformistas socialistas que eram circunscritos na ordem legal), tais segmentos abriram espaço para o florescimento de ideologias ultranacionalistas e nacional-desenvolvimentistas associadas, à direita do aspecto político, ao fascismo.

Primeiramente, cabe destacar a distinção feita por Hobsbawm (1995, p. 94-95) sobre os três tipos de movimentos de extrema direita característicos do período. As semelhanças se concentravam nos quesitos autoritários e anti liberais, ainda que por motivos diferentes. O primeiro grupo era basicamente anticomunista, sem programa ideológico particular e que inclusive sofria críticas de movimentos fascistas. O segundo movimento tinha como característica certo alinhamento com a Igreja Católica ou com seus ideais, assim como estabelecimento de uma hierarquia social que impedisse a luta de classes. Neste caso, insere-se a Falange espanhola e o Estado Novo português.

O último grupo é composto pelo fascismo de Mussolini e o nazismo de Hitler. Fortemente militaristas e opositoristas aos movimentos subversivos comunistas e à “falácia liberal”, esses movimentos conseguiram alcançar os grupos sociais mais desconfiados das elites políticas tradicionais e do sistema financeiro internacional, afetados pelas consequências da guerra. Tal sistema era fortalecido por uma base sindical controlada pelo Estado, que por sua vez era também responsável pela condução e tutela dos assuntos econômicos. Ele se aglutinava em torno de um líder com poderes amplos e hierarquizantes unicamente capaz de defender e alcançar a supremacia nacional.

Esse tipo de regime difundia um discurso e propaganda ultranacionalistas baseadas na exaltação do passado glorioso da nação, destacando as conquistas de antepassados e feitos mitológicos com o objetivo de criar um passado comum e de assentar uma tábua de valores comuns a serem protegidos e objetivos nacionais a serem atingidos. Dentre esses, o estabelecimento de inimigos comuns e a reivindicação por um “Espaço Vital” (em alemão, Lebensraum) no qual fosse possível (que merecido mediante a narrativa da história nacional) subexistir despontam como seus principais objetivos. Todas estas correntes concorriam e se apoiavam durante os anos e episódios que antecederam os episódios da Segunda Guerra Mundial. O choque destas concepções em uma conjuntura de fragilidade do sistema internacional originou a crise de que decorrerá o conflito.



## 2. O judaico-bolchevismo e a conquista do Lebensraum

Ao se pensar nas características da experiência do movimento fascista na Alemanha do período entre guerras até fins da Segunda Guerra Mundial percebe-se o destaque ocupado pela lógica de um inimigo comum ao *volk* (em alemão, povo) que precisava ser eliminado. A propaganda nazista interna e de guerra difundia um imaginário de “um Outro” responsável por todas as mazelas pelas quais passavam os cidadãos alemães, que por sua vez tinham a missão de extirpá-los. Dos capitalistas da Bolsa de Valores e políticos eleitos até à conspiração dos Aliados Ocidentais unidos contra o *III Reich*, a propagação de um adversário comum a toda unidade da nação alemã serviu de elemento de coesão para controle e respaldo das lideranças nacionais. Dentre os componentes desse repertório de vilões pátrios, o bolchevismo soviético e os judeus despontam como os principais adversários da doutrina nazista.

A oposição ao Outro parte de um elemento essencialmente antissemita e de pureza racial. O nazismo ao defender um passado glorioso e predestinado da nação germânica defendia um modelo físico e personalista que precisava ser protegido e propagado uma vez que estava ordenado a reinar sob os povos inferiores. Nessa perspectiva, os judeus foram os alvos diretos da propaganda nazista durante o pós-guerra ao apontá-los como culpados pela derrota alemã no conflito. Para o Partido Nazista, os judeus entregaram por cobiça a Alemanha aos seus inimigos da mesma maneira que Judas entregou Cristo ao romanos para ser crucificado, formando uma forte mensagem combativa em uma sociedade sumariamente cristã. Envolvidos significativamente com o comércio, os judeus foram acusados de conduzirem uma grande conspiração financeira internacional que suprimia e ameaçava a prosperidade do povo alemão, tornando objetivo do *volk* a destruição de uma raça traiçoeira que ameaçava sua existência.

Como referido na etapa anterior, no pós-Primeira Guerra Mundial, observou-se o efervescer de múltiplas correntes de interpretação que promoviam novos modelos de organização e mobilização social para substituir a aparente falida sociedade de instituições e economia liberal. Autoritárias e concorrentes, elas concorriam nos espaços de representação política tanto por presença no governo quanto pela substituição dos modelos imperantes. Para os nazistas, grupos irregulares apoiados por uma potência estrangeira outrora adversária da Alemanha (a Rússia) que armavam golpes para derrubada e desestruturação do Estado eram

traidores que precisavam ser aniquilados. Mais ainda, a então URSS era a representação de um grande monstro cuja missão era destruir e assimilar tudo aquilo que historicamente fundamentava a sociedade germânica. Tratava-se então não somente de derrotar um inimigo em potencial, mas de afirmar que uma sociedade não poderia existir com segurança sem a total aniquilação de sua precípua inimiga.

A união desses elementos de oposição a um inimigo comum pautava uma política de ressignificação da posição ocupada pela Alemanha tanto na Europa quanto no mundo. O *establishment* nazista buscava difundir quais eram os culpados pelo fracasso alemão na guerra assim como os responsáveis pelo atraso de uma nação essencialmente gloriosa e racialmente superior. Ao acusá-los, ela difundia um senso de missão maior que os germânicos deveriam ter ao se dedicarem na exclusão e destruição desses adversários, o que dava sentido a uma política expansionista a ser adotada para conquista da posição que o país se apresentava como merecedor. A essa política de expansão deu-se o nome de *Lebensraum*.

As lideranças nazistas rogavam pela formação de um espaço vital necessário para suprir o povo alemão com aquilo que fosse coerente com sua glória histórica e o esplendor que estava predestinado a possuir. Foi na propagação do ideal de uma cruzada contra o bolchevismo e da supremacia da raça germânica que o Estado alemão visou unificar sob sua égide todos os territórios ocupados uma vez pelos alemães ou que fossem ocupados por grupos minoritários ou de sua ascendência. Era intenção do nazismo retomar tudo que lhe fora injustamente expropriado após a Paz de Versalhes ou que considerava seu por direito histórico. O sistema internacional pré-conflito, a influência dos tratados de paz do pós-Primeira Guerra Mundial e as políticas de alianças na forma como incorreram no eclodir da guerra serão temas a serem abordados na etapa a seguir.

### **3. O Tratado de Versalhes, a Liga das Nações e o crescer da guerra: o sistema internacional pré-Guerra**

Os tratados firmados em Versalhes em 1919 encerraram o maior conflito vivenciado pela história da sociedade Ocidental com perspectivas desoladoras para os envolvidos, sobretudo aos antigos e derrotados aliados da Tríplice Aliança. A “Paz de Paris”, como também ficou conhecida, assistiu à culpabilização total da Alemanha pelo conflito e impôs punições e compensações severas para o país derrotado. O *II Reich* perdera suas possessões coloniais e teve, juntamente de seus aliados do Império Austro-Húngaro, o território fragmentado em nascentes países organizados em torno de populações pertencentes aos seus

antigos impérios, enquanto suas conquistas militares (incluindo a Alsácia-Lorena, restituída à França) foram anuladas. Mais ainda: os termos firmados reduziam o outrora temido exército alemão a uma fração de suas contrapartes britânica e francesa e o limitavam em termos de equipamentos e material bélico. Esses elementos alimentaram o ressentimento alemão e foram abraçados pelas correntes autoritárias exploradas nas etapas anteriores (JORDAN, 2011).

Os Tratados de Versalhes também reorganizaram o sistema internacional após o conflito. Influenciado pelos 14 Pontos do presidente dos Estados Unidos da América (EUA) Woodrow Wilson, a sociedade nascente precisava ser organizada e pautada por uma carta de princípios comuns comumente defendida por seus membros de modo a impedir o desencadear de um novo conflito. Na visão da representação estadunidense, a guerra havia sido causada pelas reivindicações de povos submetidos ao despotismo dos antigos impérios da Europa e pelo descontrole econômico guiado pelo expansionismo imperialista. Assim, o novo sistema deveria ser pautado em princípios comuns que dessem sentido e representatividade aos seus membros com uma organização capaz de protegê-lo (KISSINGER, 1999).

A Liga das Nações adveio do entendimento de Estados Unidos, Grã-Bretanha e França quanto à ideia de criar uma organização de proteção coletiva que garantisse que o mundo não mergulharia em novo conflito. Advogada principalmente pelo Chefe de Estado estadunidense, a instituição deveria ser um foro para promoção da harmonia internacional. Uma vez que a Liga fora concebida para ser uma “polícia mundial”, a tarefa de manter a paz internacional ficou a cargo de Grã-Bretanha e França quando o Congresso dos EUA decidiu manter sua política de isolacionismo dos assuntos europeus e não ratificou a entrada do país na organização. Desgastados pela guerra, operando no limite de sua capacidade financeira e, de maneira geral, sem desejo de assumir a dianteira da comunidade, os principais atores capazes de honrar com o compromisso da instituição não a tornaram apta para lidar com a fiscalização de seus membros (KISSINGER, 1999).

A crise que se decorreu do sistema se deu justamente pela sua natureza principiológica. O princípio ordenador da nova ordem passou a ser o da autodeterminação dos povos, em que a lógica de “um país para um povo” subentendia o respeito à soberania e à decisão dos governantes dos governos existentes. A carta de intenções que buscava ordenar e pacificar a sociedade internacional inviabilizava a existência de experiências individuais, uma vez que constituía um compromisso comum entre seus membros. No momento em que os interesses nacionais passaram a suplantam a coesão de valores, a organização não estava

habilitada para responder à necessidade que a postura dos agentes internacionais poderia desencadear, uma vez que passariam a se limitar ainda mais com um novo compromisso. Quando a Alemanha acusou que o restante dos membros da Liga não honraram com a política de desarmamento como ela, Hitler ordenou a retirada do país da associação (KISSINGER, 1999).

Entre 1937 e 1939, a sociedade internacional assistiu à execução do projeto de expansão nazista de formação do Espaço Vital. A Alemanha foi unificada via plebiscito com a Áustria e adotara uma postura de pressão militar e coerção política sobre os Estados do Leste Europeu em defesa de suas reivindicações sobre territórios ocupados por minorias germânicas. Enquanto isso, Grã-Bretanha e França se limitavam a controlar os ímpetus expansionistas hitleristas uma vez que pareciam levar a uma colisão com a URSS<sup>3</sup>. Foram os antigos aliados da Primeira Guerra Mundial que assinaram com o líder nazista a Paz de Munique, em que concediam e reconheciam as reivindicações alemãs sobre os Sudetos. Acreditando ser o fim da expansão alemã, foram surpreendidos com a assinatura do acordo de não-agressão entre alemães e soviéticos, tornando Hitler livre para avançar sobre os Estados do Leste da Europa. Foram os compromissos de auxílio e proteção estabelecidos com a Polônia e a recusa de ambos em reconhecer a reivindicação alemã sobre a soberania por Gdansk que culminaria na crise diplomática e sistêmica que levaria ao desencadear das hostilidades (JORDAN, 2011 e HOBBSAWM, 1995).

## **O TEATRO DE OPERAÇÕES SOVIÉTICO EM FINS DE 1941**

### **A doutrina militar e o pensamento político-militar alemão: a formação da *Blitzkrieg***

Os planejadores militares do *III Reich* tinham 3 fatores principais como elementos doutrinários de seu pensamento-político-militar para formulação de estratégias de condução da Alemanha na eventualidade de conflito: a dificuldade econômica alemã de manter uma guerra a nível industrial durante muito tempo, o isolamento diplomático do país em relação às

---

<sup>3</sup> A consolidação da URSS após a turbulenta ascensão socialista entre 1917 e 1919 marcou um novo modelo de estrutura social que preocupava os tomadores de decisão das sociedades ocidentais. Extremamente autoritária e essencialmente expansionista, pouco afetada pelos desdobramentos da Crise de 1929, a União Soviética fortalecia seus exércitos e pressionava seus vizinhos na Europa Ocidental e Ásia de modo a se submeterem ao seu jugo e influência. Não escapava aos interesses de grupos de planejamento estratégico em França e Grã-Bretanha deixarem o fascismo e o socialismo soviético entrarem em inerente rota de colisão já que se apresentavam enquanto estruturas arqui-inimigas que não poderiam coexistir.

principais potências industriais do planeta e a preocupação de travar um conflito em duas frentes de maneira similar à Primeira Guerra Mundial. A ideia desta etapa do escrito é apontar de que modo elas orientaram a perspectiva estratégica adotada pelos comandantes alemães no preparatório dos estratagemas da guerra.

É falaciosa a ideia que se convencionou pensar de que a ascensão econômica da Alemanha Nazista a elevou a um patamar de superioridade industrial e tecnológica em relação aos seus adversários em potencial. Para parâmetro, no auge do emprego das forças nazistas na guerra estima-se que 2/3 do transporte de tropas e material bélico era feito por tração animal (TOOZE, 2014). A verdade que o Oberkommando precisava lidar era que a economia de guerra alemã no máximo de seu desempenho e com as melhores reservas preparadas para o desencadear de hostilidades não suportaria atender a um conflito de desgaste que passasse a demandar reposições amplas e em massa de armamentos, equipamentos, veículos e munição. As campanhas alemãs não podiam ser pensadas de modo que não pela rápida e efetiva derrota de seus adversários (TOOZE, 2014).

A pluralidade de inimigos que uma ofensiva alemã deveria considerar era outro fator de preocupação do Estado Maior. A política essencialmente expansionista do regime nazista colocara os antigos oponentes da Primeira Guerra Mundial novamente em rota de colisão dos interesses alemães. Isso levou o OKW a entender que qualquer desfecho belicoso subentenderia um confronto direto contra uma coalizão internacional anglo-francesa diretamente financiada e abastecida por seus impérios ultramarinos e o forte comércio com os EUA. Ademais, a elementaridade da doutrina nazista pregava a invasão da URSS como tanto parte da missão nacional contra o comunismo como concretude da formação de um *Lebensraum* digno da imponência do *III Reich*<sup>4</sup>. Isso tornava a necessidade de uma resposta rápida na iminência de um conflito que fosse capaz de abalar as estruturas das Alianças de modo a impedirem de fazerem uso de todo seu potencial na guerra (JORDAN, 2011)

Por fim, o medo de uma guerra em duas frentes era um fantasma que assombrava as escolas militares alemãs desde a Primeira Guerra Mundial. A preocupação dos recursos humanos e materiais da Alemanha serem dragados por um conflito de desgaste sufocante em seus flancos fora tratado anteriormente nesta etapa, mas não sua dificuldade militar. A

---

<sup>4</sup> Desde o século XIX os políticos e militares alemães avaliavam a então Rússia czarista como uma estrutura bárbara de povos inferiores exercendo domínio sobre vastos e inumeráveis riquezas não lhes merecida. Eram justamente eles que alimentaram as pretensões imperialistas alemãs de substituir o atraso nas corridas coloniais ultramarinas por territórios submetidos e conquistados pelo II Reich. Dado seu valor estratégico e o alto cunho racial, essa percepção foi rapidamente traduzida pelo nazismo.

condução de mais de um Teatro de Operações subentendia a mitigação dos meios operacionais disponíveis para execução de diversos planos de combate não necessariamente sincronizados<sup>5</sup>. Em um conflito de largas proporções e de múltiplos adversários em potencial, a falta de foco para emprego dos escassos e preciosos recursos poderia prejudicar uma resposta rápida e eficiente na execução dos planos de batalha.

Assim, o pensamento político-militar do OKW e também das lideranças do *III Reich* orientava uma estratégia geral baseada na velocidade e eficiência do emprego dos recursos militares disponíveis. As operações deveriam ser concebidas seguindo a execução célere e eficaz na conquista de seus objetivos. E foi durante a invasão da Polônia que seu modelo operacional básico foi instituído. A *Blitzkrieg* (do alemão, guerra-relâmpago) foi um plano traçado pelos generais Rundstedt e Von Manstein que consistia na exploração máxima do potencial de choque combinado entre a união das divisões blindadas e do apoio aéreo (JORDAN, 2011). Seu objetivo era disseminar o caos nas linhas inimigas e de dar o máximo de foco a objetivos operacionais que fossem de fato capazes de neutralizar ou inutilizar a mobilidade do inimigo.

A *Luftwaffe* (Força Aérea Alemã) se detinha em dar apoio aéreo ao avanço do exército enquanto buscava assegurar a supremacia aérea e o bombardeio de usinas elétricas, represas, pontes, aeródromos militares e estações de comunicação para minar a capacidade de organização adversária. Enquanto isso, as divisões blindadas<sup>6</sup> recebiam o encargo de flanquearem ou atacar posições de fragilidade nas linhas inimigas, de modo a criar uma brecha para que a retaguarda (a infantaria e artilharia) a ocupasse e passasse a pressionar o inimigo. Sempre em movimento, a cavalaria buscava fazer um movimento de pinça que

---

<sup>5</sup> O principal Plano desenvolvido pelo Alto Comando Militar alemão para evitar o conflito em duas frentes foi o Plano Schlieffen durante a Primeira Guerra Mundial, que consistia na rápida e efetiva derrota francesa para que o grosso das forças alemãs pudessem lidar com o avanço do exército russo, significativamente mais numeroso. Tal plano foi dissecado e exposto em “GABINETE DE GUERRA: PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL O TEATRO DE OPERAÇÕES APÓS AS PRIMEIRAS BATALHAS DO MARNE E DOS LAGOS MASURIAN”, MOREIRA, GRC. Editado: Fundação Internationali Negotia, Brasília - DF, 2019.

<sup>6</sup> Solução para a superação das trincheiras durante a Primeira Guerra Mundial, os tanques de guerra foram a marca da motorização e automatização das guerras industriais a partir do século XXI. No entanto, até 1940 não se sabia exatamente como esses veículos poderiam ser utilizados nas frentes de combate, sendo enquanto apoio de avanço da infantaria ou proteção. Foram os alemães (e depois soviéticos percebendo como seus inimigos os utilizavam) que decidiram transformar as divisões de cavalaria em grupamentos blindados autônomos com estrutura militar de apoio próprio para que tivessem o máximo de autonomia e impacto possível no emprego de seu poderio.

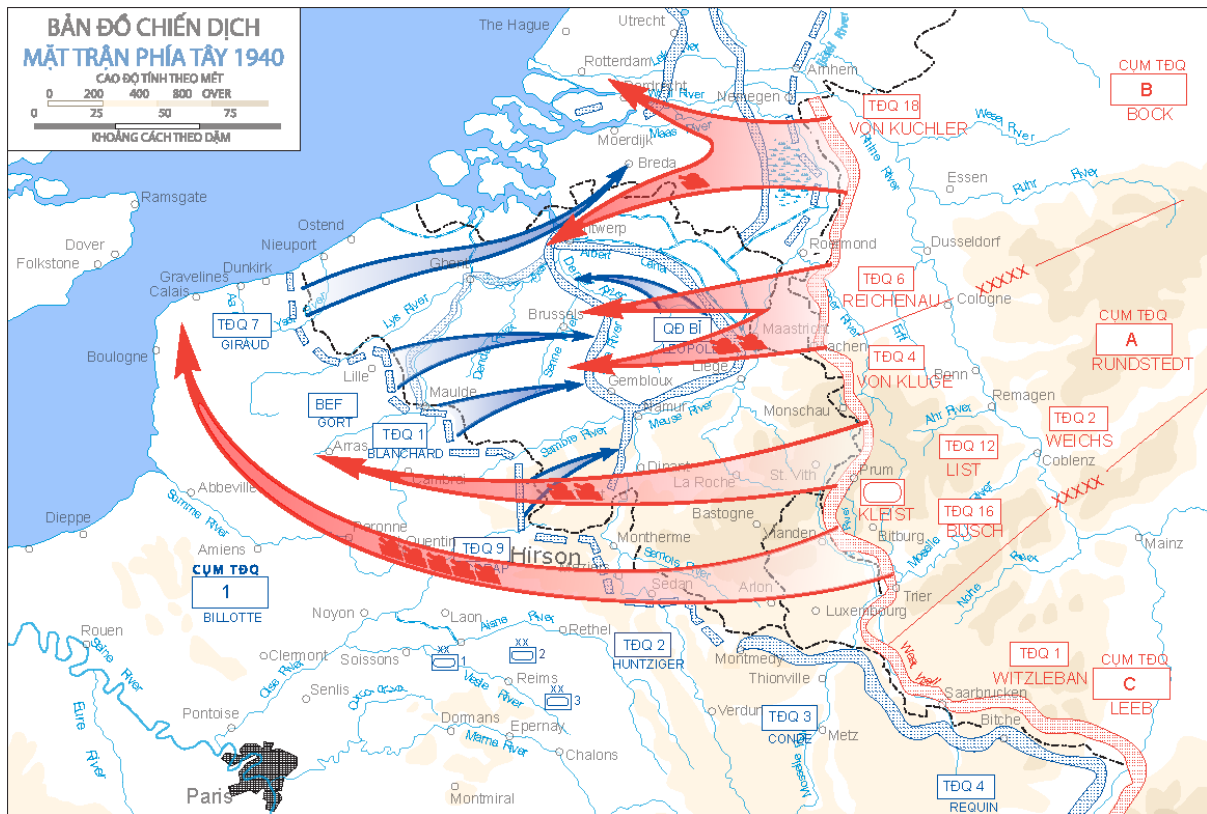
separasse grandes bolsões da frente adversária, de modo a cercá-los e lentamente eliminá-los com o apoio das forças que avançavam das reservas. Iniciadas entre 2:30 e 4:30 da madrugada, a pressão exercida por seu rápido e sincronizado avanço minava a capacidade de resposta inimiga mesmo quando em superioridade tática (JORDAN, 2011).

Aquilo que fora idealizado como uma resposta operacional a uma guerra em andamento na Polônia acabou se tornando a cristalização de todo o pensamento estratégico alemão. Baseada na ideia de conquista rápida e exploração máxima de brechas na posição adversária, visando à inutilização da capacidade de resposta do inimigo, sua capacidade de alcançar significativos objetivos operacionais tornou da *Blitzkrieg* modelo padrão para o desencadear de quaisquer ofensivas alemãs.

### **A Guerra na Europa e a preparação para invasão da URSS**

A invasão da Polônia no dia 1 setembro de 1940 marcou o início da Segunda Guerra Mundial. Os compromissos defensivos estabelecidos entre os poloneses com franceses e britânicos não foram efetivos o suficiente para socorrer com as forças necessárias a primeira vítima do avanço alemão. Limitando-se a ataques em portos e tentativas de bombardeio de regiões estratégicas, a Europa assistiu ao sucesso avassalador da *Blitzkrieg* quando no dia 15 de setembro as forças do OKW iniciaram o cerco da capital Varsóvia. Quando a URSS (honrando a termos secretos do Pacto Nazi-Soviético) invadiu a fronteira polonesa oriental, o governo polaco se retirou para o exílio na Grã-Bretanha. Em três semanas, a Polônia estava militarmente ocupada por soviéticos e alemães (JORDAN, 2011).

Após a recusa de um Tratado de Paz com os Aliados proposto pela Alemanha e meses de preparatório, o Alto Comando militar alemão preparou planos para invasão da Noruega e Dinamarca para assegurar a posição estratégica que esses países desempenhavam no fornecimento de matérias-primas para o Reich e no seu potencial como base naval e aérea para ataques diretos à Grã-Bretanha. Em 7 de abril são avistados os navios de transporte alemães e dois dias depois Copenhague se rende. Os britânicos conseguiram enviar destacamentos de sua Força Expedicionária a tempo de socorrer as forças norueguesas no conflito enquanto enfrentavam a inferior *Kriegsmarine* (Marinha de Guerra, em alemão). Após significativo sucesso em barrar o avanço das forças alemãs sobre as principais cidades portuárias norueguesas e de retomar território perdido no centro-norte do país, em 10 de maio de 1941 chegam notícias da invasão nazista aos Países Baixos e Bélgica, obrigando a retirada das principais forças aliadas entre 3 e 8 de junho (JORDAN, 2011).



Mapa das movimentações alemãs e dos Aliados durante o início da Batalha da França.

Proteger a fronteira nordeste da França e impedir o avanço sobre a Bélgica e os Países Baixos era uma prioridade muito maior para os Aliados do que qualquer outra frente de combate. Foi esse o caminho que os alemães fizeram durante a Primeira Guerra Mundial ao porem em execução o Plano Schlieffen e tentarem derrotar a França primeiro para se evitar o combate em dois fronts, o que quase custou a queda de Paris e transformou o território francês no palco da guerra de trincheiras. Durante anos os franceses fortaleceram uma posição defensiva (a Linha Maginot) capaz de barrar o avanço alemão pelas suas fronteiras nordestinas. Com o desencadear das operações sobre a Bélgica e os Países Baixos no dia 10 de maio (este que irá sucumbir ao avanço alemão após 5 dias de conflito), a mobilização das forças britânica e francesa não imaginava que se tratava de um ataque planejado também para distrair os Aliados do avanço improvável de blindados alemães pelas Ardenas. Em 10 dias, o grosso das forças motorizadas e blindadas dirigidas pelo OKW contornou a Linha Maginot e rompeu as linhas defensivas francesas e britânicas rumo ao litoral da Normandia (JORDAN, 2011).

O objetivo era cercar o principal grupamento dos exércitos aliados que se dirigia justamente para proteção da Bélgica ameaçada e do agora ocupado Países Baixos. Entre 20



de maio e 17 de junho, os aliados assistiram à evacuação das forças britânicas em Dunquerque, cercadas no bolsão e submetidas à supremacia das forças alemãs sobre os exércitos aliados ao sul de Paris. No dia 14, as divisões blindadas ocupam Paris e se iniciam conversações para assinatura do armistício. No dia 25 do mesmo mês, cessam as hostilidades. A batalha pela França havia terminado (JORDAN, 2011). A batalha pela Grã-Bretanha estava prestes a iniciar.

A combinação da maximização do potencial da *Wehrmacht* somada à superioridade técnica e tecnológica da *Luftwaffe* transformaram a Alemanha na supremacia no continente europeu. No entanto, o arquipélago do Reino Unido apontava para desafios diferentes. A Grã-Bretanha desde o século XIX era a maior potência naval mundial e possuía superioridade técnica e numérica muito maior que a da *Kriegsmarine*. Os conflitos navais até o momento foram altamente favoráveis aos britânicos e a Alemanha não tinha condições de desafiar sua marinha de superfície (*Royal Navy*) abertamente. Portanto, a única forma de uma frota de invasão alemã atravessar o Canal da Mancha e invadir território britânico seria a partir da inutilização ou eliminação dos navios inimigos que somente os bombardeiros alemães eram capazes de fazer. Para tal, era necessário que o *III Reich* exercesse supremacia aérea. De agosto a setembro de 1940, Grã-Bretanha e *III Reich* travariam o maior conflito aéreo da história (JORDAN, 2011).

Os preparativos alemães eram simples: para viabilizar a *Operação Sealowè* (leão-marinho, do alemão) era necessário que a *Royal Air Force* (RAF) fosse inutilizada ou destruída para que os bombardeiros alemães conseguissem atingir as belonaves da *Royal Navy* e os transportes alemães tivessem condição de cruzar o Canal da Mancha e aportarem nas praias britânicas. Do ponto de vista do Comando Aéreo da RAF, seu principal objetivo era manter os aeródromos militares funcionais e de abaterem o máximo de aeronaves inimigas (sobretudo bombardeiros) possíveis. As batalhas na França fragilizaram o poderio aéreo britânico, de modo que a *Luftwaffe* viu uma oportunidade de liquidar seu arqui-inimigo de uma vez por todas, o que se provou ser um significativo erro de cálculo sobre a capacidade de resposta da Força Aérea Real (JORDAN, 2011).

Em muitos sentidos, o ataque aéreo foi pensado como uma operação de Blitzkrieg aérea, ou pelo menos como um prelúdio de uma Blitzkrieg comum. Seus objetivos visavam à inutilização da capacidade de resposta do inimigo e a interferência nas suas comunicações ao focarem seus ataques em aeródromos e sistemas de radares a partir de uma movimentação ampla e avassaladora. No meio de agosto, a partir do dia 15, com o nome de código “*Adler Tag*” (Dia da Águia, em alemão) mais de 1800 surtidas alemãs são enviadas aos seus

objetivos no nordeste da Inglaterra, causando significativos danos à RAF e a sua capacidade operativa. O mal-tempo intervém a favor dos britânicos e os alemães precisam aguardar até dia 24 para lançarem outra ofensiva (JORDAN, 2011 e HOLMES, 2017).

Do dia 24 de agosto até 15 de setembro, o foco do Comando Aéreo Alemão era atrair a RAF para uma batalha decisiva capaz de eliminar os últimos caças (unidade vital para proteção e abate de bombardeiros) e enfim ter a supremacia aérea necessária para a invasão. Nesse momento, o foco das surtidas da Luftwaffe foi direcionado para o bombardeio da cidade de Londres no episódio que ficou conhecido como “a Blitz Noturna” (HOLMES, 2017). Todas as noites durante duas semanas a capital da Grã-Bretanha era bombardeada pela Alemanha, o que deu o tempo necessário para reforma dos aeródromos afetados e reorganização dos efetivos de que a RAF tanto precisava. Uma vez que bombardeios à cidade não podiam contar com a cobertura dos caças alemães, as esquadrilhas britânicas infringiram sérios danos às tripulações e aeronaves nazistas (HOLMES, 2017). Após reavaliação dos sérios danos causados pela RAF e o desgaste causado à Alemanha, o OKW decide suspender a operação até segunda ordem. Em 24 de outubro Hitler a suspende indefinidamente<sup>7</sup>. Acaba a batalha pela Grã-Bretanha, mas as ofensivas e contra-ofensivas aéreas entre os dois inimigos perduram até o início de 1945 (JORDAN, 2011).

O fim da batalha pela Grã-Bretanha foi avaliada pelo OKW como vantajoso face ao desgaste recebido até o momento pela *Luftwaffe*, mas sobretudo pelo real perigo que uma Grã-Bretanha da forma como estava poderia exercer sobre a Europa ocupada pelos nazistas. A Alemanha agora travaria combate com seu rival britânico na África do Norte e no Mediterrâneo, em assistência aos seus aliados italianos. A invasão da Grécia em 1941 e a interferência nazista nos Bálcãs em dezembro de 1940 visavam como um todo (sobretudo a partir da Operação Marita) assegurar o flanco direito de uma eventual ameaça Aliada àquela que seria a principal Operação militar desencadeada pelo OKW. O objetivo desde novembro de 1940 até junho de 1941 era reposicionar destacamentos, estoques de munição, armamentos e veículos para aquela que seria a principal campanha alemã na guerra: a invasão da URSS (JORDAN, 2011).

### **De Barbarossa à Tufão: o Teatro de Operações soviético em dezembro de 1941**

---

<sup>7</sup> Como se verá posteriormente, a data coincide com o auge das necessidades do *Ostheer* e da disputa pela supremacia aérea sobre a URSS conforme a melhora das condições meteorológicas demandavam concentração de apoio aéreo por parte da Luftwaffe

Originalmente, a ofensiva do Eixo à URSS estava marcada para o dia 13 de maio, mas o mau-tempo e as notícias dos reveses italianos na Grécia e a instabilidade nos Bálcãs atrasaram a invasão em um mês. Finalmente, em 22 de junho de 1941, o maior conflito armado do mundo foi desencadeado. A União Soviética além de arqui-inimiga da ideologia nazista também representava a concretude do projeto de formação do *Lebensraum* idealizado pelo regime nazista. A produção de grãos na Ucrânia e suas riquezas em petróleo e minerais, a produção petrolífera no Cáucaso e no mar do norte, a capacidade industrial do Leste da Europa e do Báltico ocupados pela URSS e os pólos industriais nos Urais eram tidos como o corolário econômico de um “Reich de mil anos”. Não somente, tratavam-se de necessidades prementes para o prosseguimento da Alemanha na guerra e desafios para efetiva derrota soviética<sup>8</sup> (JORDAN, 2011 e (STAHEL, 2015).

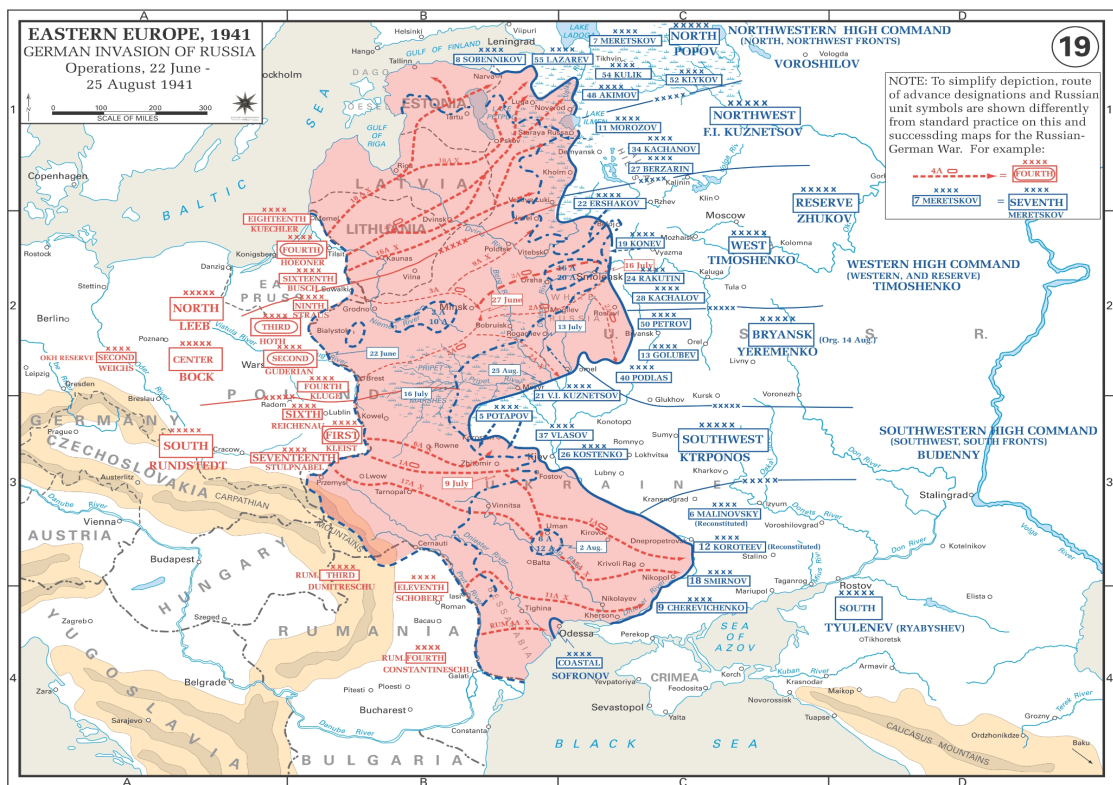
O sucesso alemão na guerra foi construído baseado em velocidade, mobilidade, poder de fogo e uma alta concentração de forças. Esses eram os fundamentos doutrinários da *Blitzkrieg* empregado nas ofensivas alemãs que também basearam a Operação Barbarossa, apesar de várias avaliações contrárias apresentadas por comandantes e planejadores alemães quanto à dimensão possível de vitória<sup>9</sup>. O OKW sabia que não podia adentrar uma guerra de desgaste com os soviéticos que se alastrasse até o inverno. A estratégia de fundo para uma guerra com a União Soviética deveria focar em eliminar a capacidade de reação econômica e militar de seu inimigo. O avanço alemão sobre a URSS enfrentou todos os elementos que Clausewitz apontou como inerentes à noção de “interior”. Ao se deparar com o desconhecimento sobre o terreno pelo qual se daria o combate e o potencial de resistência, produção e abastecimento armamentista soviética até as intempéries das *rasputitsa* e inverno soviéticos, os exércitos alemães não demoraram para entender que a guerra com a URSS não seria concluída em uma “rápida campanha de verão” (STAHEL, 2015).

---

<sup>8</sup> Era necessário apertar o fluxo de mercadorias e recursos levados da URSS à Grã-Bretanha para continuar pressionando os britânicos à rendição. Em outros aspectos, mesmo contando com os recursos e capacidade produtiva das regiões ocupadas, o *III Reich* estava operando no seu máximo limite para os preparativos da invasão à União Soviética. Sem o uso do potencial econômico inimigo contra ele, os alemães não conseguiriam se manter no conflito (TOOZE, 2014).

<sup>9</sup> Significativos comandantes alemães haviam externalizado preocupações quanto ao otimismo que o OKW estava levando uma invasão da URSS. Muitos fizeram estudos próprios de campanhas militares históricas como as de Carlos XII e Napoleão I e não acreditavam que a vastidão de uma Rússia populosa, industrializada e dirigida por um regime soviético autoritário poderia ser derrotada da maneira rápida de que dependia a economia de guerra alemã (STAHEL, 2015).

No entanto, os alemães iniciam com vantagem e as conquistas operacionais de julho a agosto tornaram o Alto Comando alemão confiante. Apesar dos custos militares surpreendentes que fizeram até Hitler reconhecer que subestimaram a URSS, o avanço vitorioso dos três Grupos de Exército parecia se aproximar cada vez mais de seus objetivos principais. O Exército Vermelho havia traçado planos para contra-atacar uma possível ofensiva alemã, mas os purgos ordenados por Stálin nas Forças Armadas soviéticas e sua aparente incredulidade de que os nazistas de fato estavam rompendo o Pacto de Não-Agressão afetaram significativamente a capacidade de resposta soviética. Ademais, os impactos da *Blitzkrieg* impediram os combatentes vermelhos de executarem suas diretrizes de comando e fazerem uso do seu potencial numérico e material conforme o choque operacional do avanço alemão (STAHEL, 2015).



Mapa das movimentações alemãs e soviéticas até fins de agosto, no desenrolar da Operação Barbarossa.

No entanto, em fins de agosto, diversas dificuldades do avanço alemão foram escancaradas. As unidades avançadas que rompiam as linhas de defesa soviéticas com o objetivo de cercarem grandes elementos inimigos para sua eventual destruição à moda da *Blitzkrieg* não conseguiam explorar as brechas ou concluírem devidamente o cerco por

estarem sem combustível e munição. O sistema ferroviário soviético era diferente do alemão, o que significava que não era rápido ajustá-lo ou mover provisões e efetivos de reserva da Europa para os centros de distribuição de campanha, muito menos às unidades de vanguarda. A Luftwaffe (vital para o apoio do avanço de blindados e da destruição dos bolsões de resistência cercados) operava no limite e com sérias dificuldades uma vez que precisavam fazer uso dos aeródromos conquistados conforme avanço alemão que foram por ela afetados durante o ataque. A forma de funil que o território soviético possuía da Europa até à Rússia e à Ucrânia subentendia que as unidades alemãs precisavam suprir e ocupar terrenos cada vez mais vastos para efetivos cada vez menores. Mais ainda, a resistência soviética havia se provado mais do que desafiadora: mais de 10% do efetivo alemão de início da ofensiva foi posto fora de combate e as forças de reserva não eram suficientes para suprir a demanda cada vez maior de reposições para o combate (STAHHEL, 2015).

Em fins de agosto o OKW vivia um dilema de importância estratégica com Hitler, sobretudo quanto aos objetivos a serem atingidos pelo Grupo de Exército Centro. Apesar dos problemas relatados anteriormente, os principais comandantes do Alto Comando militar acreditavam que esse grupamento tinha condições de superar as defesas soviéticas e deveria seguir firme rumo a Moscou, e que qualquer variação no foco de seu avanço impediria uma conquista da capital antes do início do outono soviético, a partir de outubro<sup>10</sup>. No entanto, o *führer* estava descrente quanto à capacidade de superação dessa força uma vez que diversos elementos do Exército Vermelho conseguiram fugir das estratégias de cerco adotadas pelo avanço alemão. Para o Supremo Comandante das forças alemãs, a conquista de Leningrado e de Kiev eram objetivos dos Grupos de Exército Norte e Sul mais prováveis de serem atingidos e de retorno propagandístico e econômico<sup>11</sup> mais importantes para a vitória sobre a URSS que a conquista de Moscou. Foi somente em setembro, após informes de avanço no Sul e no Norte, que Hitler seria convencido a investir em um avanço rumo a Moscou. Nasce então a Operação Tufão (STAHHEL, 2015).

---

<sup>10</sup> Hitler durante quase todo mês de setembro testou a paciência do Comandante do Grupo de Exército Centro ao ordená-lo que apoiasse simultaneamente as ofensivas dos Grupos Norte e Sul às cidades de Leningrado e Kiev, respectivamente (STAHHEL, 2015). A perda de foco no avanço sobre Moscou certamente foi um prejuízo estratégico para a tomada da capital no tempo idealizado.

<sup>11</sup> Leningrado foi o berço da Revolução Bolchevique que o nacional-socialismo alemão tinha como inimigo precípua enquanto Kiev era a capital da Ucrânia, a República soviética de principal importância econômica para o esforço de guerra de ambos os países em conflito. A tomada de ambas as cidades na visão do *führer* traria ganhos vitais para a derrota soviética (STAHHEL, 2015).

Após quase um mês de preparação para o fortalecimento do Grupo de Exércitos Centro, no dia 30 de setembro é lançada a ofensiva direta para a superação do circuito de defesas de Moscou e a conquista da capital soviética. O OKW e seus comandantes em campo tinham uma ideia de que nem a União Soviética seria capaz de resistir às gigantescas baixas causadas pelo avanço alemão ao Exército Vermelho que aumentavam exponencialmente. Estimava-se uma concentração de 60 divisões vermelhas no emprego da defesa tenaz do circuito de Moscou, o que na verdade eram 212. Ainda, as forças alemãs teriam de enfrentar os efeitos da *rasputitsa*, um quadro inerente ao outono soviético em que as chuvas torrenciais transformam estradas e campos em lamacentos atoleiros pelos quais as forças nazistas teriam de avançar (STAHHEL, 2015).

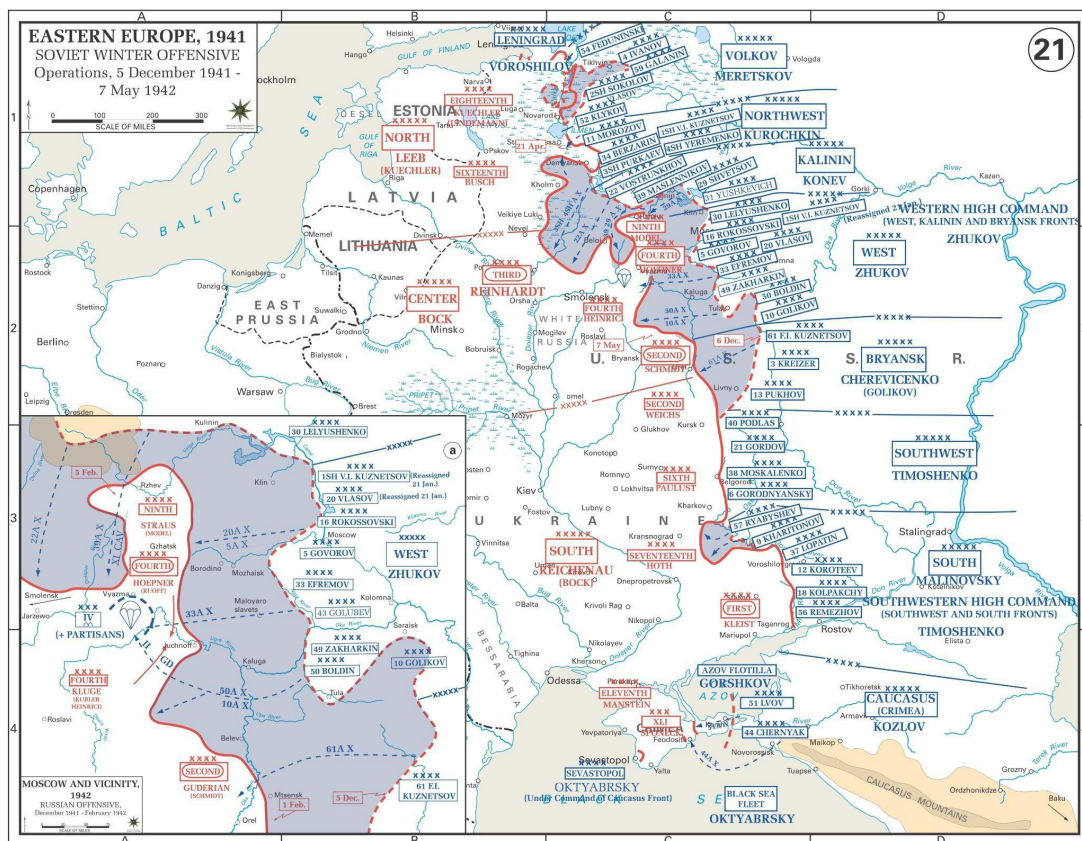
No entanto, o OKW estava confiante quanto à capacidade das forças reunidas de superar tais desafios. A Operação foi idealizada à maneira da *Blitzkrieg*: era necessário que os blindados penetrassem e rodeassem as defesas moscovitas de modo a isolar a cidade e seus principais exércitos a serem destruídos pelo avanço da retaguarda. De 30 de setembro até 14 de outubro, os alemães assistiram à vitória sobre os bolsões de Viazma e Briansk, em que mais de meio milhão de soldados soviéticos foram feitos prisioneiros e milhares de veículos e toneladas de equipamento foram capturados ou destruídos. Essa havia sido a principal vitória operacional alemã na frente do Grupo de Exércitos Centro que se estimava conseguir fazer sucumbir à resistência inimiga conforme se seguia o avanço para Moscou. O Alto Comando alemão estava confiante que havia tempo no ano para pressionar a defesa soviética, em sua perspectiva já exaurida, para tomar a capital (STAHHEL, 2015).

Foram desesperadoras as notícias das derrotas soviéticas na Operação Tufão e o panorama que se desenhava para o General Georgi Jukov, comandante da defesa moscovita. A queda de Moscou parecia iminente e a transferência da capital para uma cidade no centro da URSS já estava em ação. No entanto, a resistência vermelha nos bolsões e na linha de Tula, somadas à ordem de não recuar, deram tempo suficiente para que as chuvas torrenciais da *rasputitsa* na segunda metade de outubro afetassem diretamente a retomada do ataque alemão (houve dia em que elementos da vanguarda blindada do Grupo de Exércitos Centro somente conseguiam avançar um 1 km dadas as intempéries do outono). Em 30 de outubro o Alto Comando alemão suspende as ofensivas até condições meteorológicas propícias, além de reagrupamento e abastecimento desesperados para o ataque sobre o perímetro da cidade. Dado o início do inverno, a Operação Tufão também falhará (STAHHEL, 2015).

A ideia do Comando do Exército Vermelho era atrasar ao máximo o avanço nazista de modo a reorganizar os efetivos soviéticos chegando de todas as imediações do país, fortalecer

o circuito de defesas e montar um contra-ataque capaz de expulsar os invasores das imediações moscovitas. Mais ainda, a União Soviética e o próprio OKW sabiam que o inverno russo seria catastrófico para as posições alemãs uma vez que o *III Reich* não cogitava em nenhuma circunstância manter uma guerra de desgaste.

Com a solidificação do solo causada pelos princípios inverniais, os alemães retomam o avanço em 13 de novembro e rompem rumo a Moscou. A ideia de cercar o perímetro da cidade com seus exércitos dentro não fora abandonada, mas o desgaste causado ao avanço alemão pela resistência soviética e a piora do inverno russo apresentavam um cenário desesperador para qualquer ideia de cerco da capital soviética. Em 23 de novembro os alemães estão a 48 km de Moscou (mais perto que conseguiram chegar) e pressionaram duas das três camadas de proteção do círculo de defesa da capital. O OKW a essa altura queria recuar os destacamentos avançados para que se reagrupassem e tomassem posições melhores para uma eventual campanha de inverno, mas Hitler passou por cima da decisão e ordenou que o Exército não cedesse terreno e deu ordens para um assalto direto à capital. Em 4 de dezembro as temperaturas na madrugada atingem entre -35 e -40 graus e o *führer* é forçado a cancelar o ataque (STAHEL, 2015).



Mapa da ofensiva soviética preparada para depois de 5 de dezembro.

## CONCLUSÃO

Materialmente, um somatório de questões impediram a vitória alemã: a tenaz resistência do Exército Vermelho, os táticos contra-ataques ao avanço alemão, os efeitos do outono e inverno soviéticos sobre os invasores nazistas, a reposição e mobilização de contingentes vermelhos para a frente de batalha e a força industrial soviética apoiada pelo envio de ajuda britânica e estadunidense. No entanto, como pôde se perceber com a breve descrição da evolução da ofensiva nazista à URSS, foi o excesso de confiança causado por más-análises dos reais efeitos estratégicos das notáveis conquistas operacionais logrados batalha a batalha que tornaram o Alto Comando Alemão imprudente e irrealista conforme o avanço de suas forças.

Buscou-se tornar evidente durante o escrito que mesmo a *Blitzkrieg* foi idealizada como um modelo operacional capaz de atender os fundamentos da ordem estratégica alemã. O pensamento político-militar nazista subentendia em alguma hora uma guerra contra a URSS e todas as suas campanhas anteriores foram premeditadas como plano de fundo para esse grande combate. As grandes conquistas das Operações Barbarossa e Tufão exultaram um Alto Comando que não somente se planejara para uma guerra breve e vitoriosa, mas que *precisava* que fosse assim. As cifras dos grandiosos combates vivenciados tornaram a Alemanha super-confiante na ideia de que uma “pressão final” seria capaz de finalmente derrotar o inimigo soviético, não cogitando a capacidade de resposta que o poderio adversário poderia desencadear. O contra-ataque soviético era iminente.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- TOOZE**, Adam. O preço da destruição: construção e ruína da economia alemã. Tradução: Sérgio Duarte. Rio de Janeiro, 2014.
- KISSINGER**, Henry. *Diplomacia*. Editora Saraiva, 1ª edição, São Paulo, 1999.
- STAHEL**, David. A Batalha por Moscou: a Operação Tufão e o início da derrocada de Hitler. Tradução: Anna Lim e Lana Lim. Barueri/SP. Amaryllis, 2015
- PAGET**, Reginald Thomas. Barão Paget. Manstein: suas campanhas e seu julgamento. Tradução de Roberto Rodrigues - Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1999
- JORDAN**, David, História da 2 Guerra Mundial - A maior e mais importante guerra de todos os tempos. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2011.
- HOBBSAWM**, Eric, Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991, 20ª edição, Companhia das Letras, São Paulo, 1995
- CLAUSEWITZ**, Ludwig Von. *Da Guerra*, Martins Fontes, São Paulo, 2017.
- GEERTZ**, Clifford, Interpretação das Culturas, LTC, Rio de Janeiro, 1998.
- KOSELLECK**, Reinhart, *Futuro Passado: Contribuições para a semântica dos tempos históricos*, 4ª edição, PUC-Rio, Rio História da América Latina e do Caribe. Rio de Janeiro, 2012.
- LE GOFF**, Jacques, *A história deve ser dividida em pedaços?*, 1ª edição, Editora Unesp, São Paulo, 2015.
- REMOND**, René. *Por uma história política*. Edição 2. Editora: FGV, Rio de Janeiro, 2003
- BUCHRUCKER**, Christian. *Pensamiento político militar argentino: el debate sobre las hipótesis de guerra e la geopolítica*. Centro de Estudios Avanzados, Universidad Nacional de Cuyo, 1991 .
- DRYZEK e DUNLEAVY**, John e Patrick, *Theories of the democratic State*, Springer Nature Limited, 2006
- WIGHT**, Martin, *A Política do Poder*, Editora: Universidade de Brasília, Brasília – DF, 1985
- Keegan, John (1989). «The Second World War». Glenfield, Auckland 10, New Zealand: Hutchinson
- HOLMES**, Richard. *O Bunker de Churchill: A história do Centro de Operações que garantiu a vitória da Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial*. Tradução de Andrea Gottlieb de Castro Alves - 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017.

## **ANEXO I - REPRESENTAÇÕES MILITARES**

Tal como os alemães, os soviéticos em fins de 1941 também tinham seus exércitos organizados em grandes grupamentos de modo a ser possível responder às múltiplas ameaças desencadeadas pelo inimigo. Organizados em “Frentes” à maneira dos “Grupos de Exército” nazistas, cada uma tinha um objetivo e espaço de atuação determinado com uma estrutura de comando própria, mas submetida ao Alto Comando do Exército Vermelho. Abaixo seguem seus principais expoentes e sua organização:

### **Frente Leningrado**

#### 1. Kliment Voroshilov

Comandante da Frente Soviética responsável pela defesa de Leningrado contra o avanço alemão.

### **Frente Volkov**

#### 2. Kirill Merestskov

Comandante da Frente Soviética responsável pela defesa do flanco de Leningrado e a defesa da Frente Noroeste do flaqueamento possível pelo avanço do Grupo de Exército Norte alemão.

#### 3. Ivan Fedyuninsky

#### 4. Ivan Galanin

#### 5. Andrey Vsalov

#### 6. Nykolai Klylov

### **Frente Nordeste**

#### 7. Pavel Kurochkin

Comandante da Frente Soviética responsável pela defesa de Smolensk e arredores e a proteção contra o avanço do flanco norte do Grupo de Exército Centro e da combinação de forças com o Grupo de Exército Norte contra o possível flaqueamento de Moscou.

#### 8. Vasily Kuznetsov

#### 9. Andrei Yeremenko

#### 10. Ivan Morozov

#### 11. Nikolai Berzarin

#### 12. Maksim Purkayev

### **Frente Ocidental**

Trata-se da Frente Central das Forças Armadas Soviéticas, responsável diretamente pela defesa de Moscou e por impedir o avanço do Grupo de Exército Centro. A Frente centraliza os comandos das Frentes Oeste, Kalinin e Bryansk sob a Chefia do Marechal Jukov.

### **Frente Oeste**

13. Gueorgui Jukov

Comandante da Frente Ocidental e da Frente Oeste, encarregado pessoalmente do circuito de defesa moscovita e do grosso do exército soviético. Seu objetivo principal é ser a vanguarda no contra-ataque ao Grupo de Exército Centro alemão.

14. Dmitry Lelyushenko

15. Konstantin Rokossovsky

16. Leonid Govorov

17. Mikhail Yefremov

18. Ivan Zakharkin

19. Ivan Boldin

20. Filipp Golikov

### **Frente Kalinin**

21. Ivan Konev

Comandante da Frente Soviética responsável pelo flanco Norte do Circuito de Defesa de Moscou e submetida diretamente ao Alto Comando da Frente Ocidental.

22. Ivan Maslennikov

23. Vasili Shvetsov

24. Vasily Yushkevich

25. Andrey Yeremenko

### **Frente Bryansk**

26. Yakov Cherevchenko

Comandante da Frente Soviética responsável pelo flanco sul do circuito de defesa moscovita e do perímetro do avanço alemão entre a Rússia e a Ucrânia.

27. Yakov Kraizer

28. Nikolai Pukhov

### **Frente Ucrâniana**

Trata-se da Frente Soviética responsável pela defesa da Ucrânia e da retomada da Crimeia frente ao avanço do Grupo de Exército Sul alemão. A Frente centraliza os comandos das Frentes Sudoeste e Sul sob a chefia do Marechal Semion Timoshenko

### **Frente Sudoeste**

29. Semion Timoshenko

Comandante da Frente Soviética responsável pela defesa da Ucrânia combate ao Grupo de Exército Sul alemão.

30. Kuzma Podlas

31. Vasily Gordov

32. Kirill Moskalenko

33. Gorodnyansky Auxentios

### **Frente Sul**

34. Rodion Malinovsky

Comandante da Frente Soviética responsável por evitar o avanço do Grupo de Exércitos Sul a partir das possessões sulistas da Ucrânia em direção aos campos de petróleo do Cáucaso.

35. Dmitry Ryabyshev

36. Fedor Kharitonov

37. Anton Lopatin

38. Konstantin Koroteyev

39. Vladimir Kolpakchi

40. Fyodor Remezov

### **Frente Cáucaso**

41. Dmitry Koslov

Comandante da Frente Soviética responsável pela liberação da Península da Crimeia e oposição ao avanço do Grupo de Exército Sul sobre o Cáucaso. Única frente a contar com elementos navais para condução de suas operações.

42. Stepan Chernyak

43. Vladimir Lvov

44. Sergey Gorshkov

45. Filipp Oktyabrsky